

Aprendendo a ensinar: desafios e experiências do Estágio Supervisionado em Matemática

Eixo Temático: Formação de professores que ensinam Matemática;

Marcela Jesus Silva. Universidade Estadual de Feira de Santana.

marcelajesussilva20@gmail.com

Wedeson Oliveira Costa. Universidade Estadual de Feira de Santana. wocosta@uefs.br

RESUMO

Este artigo retrata as experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com objetivo de destacar os desafios e as possibilidades que são promovidas para formação, durante o estágio. Este estudo enquadra-se no método qualitativo, cujo utilizamos como instrumento de coleta de dados Diários Reflexivos oriundos das atividades que ocorreram durante a observação, coparticipação e regência de uma turma de 1ª série do Ensino Médio. Neste estudo, foi possível observar o uso de atividades diversificadas que são mais atrativas para os alunos, a exposição no quadro, com atividades diretas e fechadas, provocam a sua dispersão da aprendizagem, sendo cansativo e exaustivo. Porém, implementar atividades diversificadas no ensino de matemática é uma tarefa difícil, devido a abstração de alguns conceitos, mas buscou-se fugir do ensino mecanizado.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Experiências. Formação Docente.

1 INTRODUÇÃO

Os estudantes da graduação em Licenciaturas, na maioria das vezes, possuem o seu primeiro contato com a futura profissão ao participar do Estágio Curricular Supervisionado, obrigatório no curso. Neste momento, ele estabelece o seu primeiro contato com o espaço escolar, com os processos de gestão de uma instituição de ensino, com os professores, ele terá seu primeiro contato com a comunidade que está em volta da escola, com a sala de aula e os seus alunos, suas histórias e experiências. O estágio é primordial para a conclusão de um curso de licenciatura, é a primeira experiência docente e deve, portanto, possibilitar ao aluno em formação, ao acadêmico uma noção

da realidade escolar, das dificuldades que a escola vivencia a cada dia [...] (SCALABRIN; MOLINARI, 2013).

A partir desse momento, outras informações serão reconhecidas pelos estudantes até então possuíam apenas conhecimentos teóricos, estabelecidos em sala de aula enquanto aluno. Será ao longo do estágio supervisionado, durante a sua familiarização com a instituição de ensino, que ele terá consciência de quais são as práticas da sua profissão e em como elas possuem uma importância não pensada ou percebida antes. Como nos traz Teixeira e Cyrino (2015), neste espaço de formação visa-se a construção e o desenvolvimento da identidade docente deste futuro profissional, promovendo mudanças em crenças, conhecimentos e práticas da profissão.

É necessário entender que as teorias estudadas fornecem um conjunto de ferramentas para a análise e compreensão dos contextos históricos, sociais e culturais que estarão envolvidos na prática. Mas é no ambiente escolar, durante sua prática, que outras habilidades e competências serão desenvolvidas, com desafios que vão além do currículo formal, afinal “currículo não é ‘tudo’, mas um conjunto de atividades organizadas, intencionalmente voltadas para a formação dos alunos.” (REIS, CAMPOS; 2014, p.149). Dessa forma, como mediadores desse ambiente, diversos desafios serão enfrentados relacionados a questões raciais, de gênero, sexualidade ou da identificação da raça ou etnia dos estudantes.

Portanto, a partir do estágio supervisionado o futuro professor perceberá os impactos que suas ações acarretam na vida dos estudantes e da comunidade a sua volta, percebendo também que as atividades não serão desenvolvidas com facilidade mas necessitarão de demandas relacionadas ao tempo, à imaginação e à paciência. Este é o momento de perceber que as atividades exercidas por ele não serão lineares e igualitárias para todos, pois cada turma, cada aluno, possui características que os diferem e é preciso adaptar-se e inovar nas suas ações, dinâmicas, didáticas e metodologias de ensino, visando a melhor forma de ensino.

Assim, neste trabalho, serão apresentadas as observações, coparticipações e regências que foram realizadas em um colégio estadual localizado no município de

Feira de Santana, Bahia/BA, na turma da 1ª série B do Ensino Médio com duas professoras regentes, na componente de ‘Matemática’ e na componente curricular ‘Para Além dos Números’. O Estágio Curricular Supervisionado de Matemática III é um componente curricular do 7º semestre oferecido ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob a orientação do professor Me. Wedeson Costa.

O objetivo desse estágio é proporcionar através da observação, coparticipação e regência, a vivência na sala de aula e a experiência de como lidar com as demandas do ambiente escolar, desenvolvendo habilidades de ensino e aprendizagem e a contribuição na formação escolar dos estudantes. Para isso, o nosso foco parte do princípio de retratar e refletir sobre as experiências vivenciadas no estágio supervisionado no Ensino Médio. Para organização deste trabalho, seguiremos com a dinâmica de três seções, a saber: Retomada de referenciais teóricos, Apresentação de Diários reflexivos de Aulas a partir do momento de observação das aulas e da coparticipação, seguindo com as Análises das Experiências com a turma, buscando seguir princípios trazidos no Documento Curricular de Referência do Estado da Bahia (DCRB) e adaptando-se às novas características do Novo Ensino Médio e suas demandas.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DOCENTE ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Durante o Estágio Curricular Supervisionado, o estudante de Licenciatura vê a oportunidade de iniciação à docência e as experiências de ensino. Monteiro (2002) argumenta que é momento marcante da vida profissional, em que as primeiras experiências de ensino são realizadas, com apoio de professores e colegas que auxiliam a superação de barreiras e medos suscitados por uma atividade que tem no relacionamento humano. Defendendo o mesmo raciocínio, Milanesi (2012) enaltece que é no exercício da profissão, no “chão” da escola, que o estagiário se constitui professor,

posto que a escola é um contexto rico de oportunidades de aprendizado diversas e constituída por alunos que vivenciam ações planejadas ou não.

“A identidade docente refere-se às experiências e posições que os profissionais constroem em sua profissão [...] é a forma que os professores constroem, e faz parte do seu processo de construção do profissional educador” (BEZERRA; BEZERRA, 2020, p. 3-4). Ou seja, a identidade docente é formada a partir das vivências como docente, é o conjunto de experiências, boas e ruins, que constroem o futuro profissional. São os desafios e as possibilidades encontradas que moldam e determinam as características docentes do professor. “Trata-se de construir um conhecimento pessoal (um auto-conhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica.” (NÓVOA, 2009, p. 22).

Muitos são os universos que abrangem as escolas públicas brasileiras, com grande diversidade nos contextos das instituições, então é necessário possuir caráter crítico-reflexivo neste ambiente. Em concordância com Lima (2004), o estagiário, agindo sobre o meio e recebendo a influência dele, pode elaborar o seu conhecimento de modo indissociável da realidade social através da reflexão, da troca de experiências e interferindo, de algum modo, nesta mesma realidade.

“Através dos movimentos pedagógicos ou das comunidades de prática, reforça-se um sentimento de pertença e de identidade profissional que é essencial para que os professores se apropriem dos processos de mudança e os transformem em práticas concretas de intervenção. É esta reflexão colectiva que dá sentido ao seu desenvolvimento profissional.” (NÓVOA, 2009, p. 21).

Estabelecer uma relação entre as teorias estudadas durante a graduação e a sua prática durante o estágio será uma tarefa árdua mas prazerosa, cabendo a este estudante aprender a como mediar suas ações e práticas. Já que a teoria e prática não podem ser desvinculadas, como relata Pimenta e Lima (2005), a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. Nessa perspectiva, os professores devem compreender os contextos históricos, sociais e culturais envolvidos na prática.

Desenvolvendo durante o estágio planos de aula adequados ao objetivo, agindo com competência e segurança na seleção dos conteúdos, não deixando de lado o pensamento crítico e reflexivo, com a análise das suas ações profissionais. Lembrando da afirmação de Freire (1996, p.47) que diz “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Cury (2003, p.55) define o ato de educar como “educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionam no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração”. Significa que educar é um exercício que requer cuidado, paciência e esperança que bons frutos serão colhidos, adaptando-se às contexto de ensino e não replicando modelos tradicionais de ensino, mas com abordagens significativas para os estudantes. Como explicita Monteiro (2002, p. 142) “é preciso que a Prática de Ensino se desenvolva em novos moldes. Não vamos mais propor a reprodução de modelos de aulas e, sim, a vivência de experiências significativas”.

O educador exerce na sua profissão relação direta com as questões sociais, sendo formador de cidadãos sociais que necessitam estar na sociedade como sujeitos críticos e reflexivos. Precisam ter conhecimentos sobre seus direitos e deveres sociais e o professor atua como sujeito direcionador dessas práticas. Segundo Pimenta e Lima (2005;2006):

“[...] a profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação.”(PIMENTA; LIMA, 2005, p. 7).

O objetivo é transformar a experiência coletiva em conhecimento profissional e ligar a formação de professores ao desenvolvimento de projetos educativos nas escolas. Desta forma, durante o estágio curricular supervisionado o estudante viverá suas primeiras experiências e os primeiros desafios como docente, estando em contato direto com o seu papel social, percebendo as demandas do seu cargo e os resultados das suas ações. Aprendendo, neste contexto, com as experiências e desafios de ser educador.

3 ANÁLISES E REFLEXÕES DAS OBSERVAÇÕES, COPARTICIPAÇÃO E REGÊNCIA COM AS PROFESSORAS REGENTES

Nesta seção será discutido e analisado com uma postura crítico-reflexiva as experiências vividas durante a observação, coparticipação e regência em sala de aula durante as aulas dos componentes curriculares de ‘Matemática’ e ‘Para Além dos Números’, componente introduzido com a Reforma do Ensino Médio e proposta pelo DCRB, sendo regidos pelas professoras Solange e Valdirene, respectivamente. Durante esta análise, objetiva retratar como as experiências vividas, as possibilidades e desafios do estágio contribuíram para o processo de formação e de identidade docente. São as reflexões feitas durante todo o processo que “ensinam” em como ensinar, quais atitudes são mais pessoas, quais são as didáticas e metodologias mais efetivas que potencializam a aprendizagem dos alunos. O Estágio Supervisionado foi realizado em dupla em uma turma de 1º série, porém as considerações aqui feitas são de cunho individual.

O primeiro contato com a turma foi feito durante a aula de Matemática, e a primeira observação que pode ser feita é referente ao tamanho da turma, com um total de 38 alunos. Foi perceptível como o número elevado de alunos promovia prejuízos para os processos de ensino e aprendizagem, tornando-se um grande desafio para o docente ministrar uma aula de qualidade quando o mesmo não consegue alcançar todos os alunos devido ao grande número de alunos. Faz-se questionar como um professor, em uma sala de aula lotada, com um nível excessivo de conversas que não fazem parte das discussões, poderá alcançar todos esses estudantes de forma significativa. Qual metodologia deve ser utilizada para que a aprendizagem seja efetivada? Como dar conta de uma demanda tão grande quando há diversas outras turmas na mesma situação?

Acredita-se que o professor além de mediador da aprendizagem em sala de aula, ele também deve ser uma figura de respeito e confiança, despertando a curiosidade dos alunos, indo muito além de um adulto que sabe mais sobre um determinado assunto. Acredito que esta relação de confiança e amizade aproxima os estudantes da sala de aula

e da aprendizagem, este sentimento afetivo ajuda a conduzir um ambiente saudável. Todavia, há diversos obstáculos que impedem esta relação entre professor e aluno.

É notório que o uso de atividades diversificadas é mais atrativo para os alunos, evitando a dispersão ou prejuízos à aprendizagem. Durante a aula de Para Além dos Números a professora regente buscou outras metodologias de avaliação para os alunos, com histórias sobre a matemática, brincadeiras para descontração e reflexão, além de pesquisas que buscam ressaltar a importância da Matemática. É perceptível que a condução das salas é muito mais leve e consegue-se a atenção dos alunos.

Durante as avaliações permanecemos em sala retirando as dúvidas que possam aparecer na resolução. Mesmo com o bom desempenho da turma, há sempre dúvidas na interpretação da questão, em simbologias e conceitos que já foram estudados. Surge um dilema durante as avaliações dos alunos que é “Mediar ou não mediar?”, em suma, os alunos precisam de apenas um “Empurrãozinho” para que entendam o problema da questão, apenas que seja feita uma leitura do problema, uma explicação do que o problema pede ou coisas semelhantes. Percebe-se, desta maneira, que durante as avaliações escritas é preciso muita atenção no enunciado das questões e de preferência que seja feita uma leitura coletiva das questões inicialmente.

Outra reflexão que foi feita durante esse período é que os estagiários, enquanto observadores, não devem tirar conclusões precipitadas ou criar julgamentos a partir de ideologias que possuem apenas a partir das teorias estudadas em sala de aula enquanto estudante. Estar no ambiente escolar, com diversas turmas e diversos alunos, além de outros encargos, é um grande desafio e que requer constantes reflexões e autocríticas, além da diversidade do trabalho que é feito diariamente. Fomentar a aprendizagem em diversos alunos, com diversas histórias e carga emocional é algo árduo e que requer extremo cuidado. Pôr em prática as diversas teorias, metodologias e didática estudadas não é algo instantâneo e fácil, muito menos igual para todas turmas, é necessário que o professor reinvente a sua forma de ensino constantemente.

Em sala de aula, enquanto regente e mediadora, há uma dificuldade para os alunos em aceitar uma nova professora, constantemente observou-se que para alguns

alunos os estagiários não são considerados professores, mas apenas figuram o papel de professora, esta é outra barreira que impede a aprendizagem. Outra barreira é o distanciamento dos estudantes do ambiente escolar, já que para eles os conhecimentos adquiridos não possuem relevância ou influência na sua vida como sujeito social.

Durante o período de regências procurou-se criar uma aproximação dos alunos, fundada na ideia de que a afetividade é um caminho facilitador da aprendizagem. São pequenos detalhes que demonstram aos alunos que sua presença em sala de aula é importante e contribuidora do conhecimento. Um exemplo simples é apenas saber os seus nomes, no momento em que demonstrou-se conhecimento das suas presenças em sala de aula de forma individual os estudantes apresentaram maior inclinação a atentarem-se ao que é exposto durante as aulas, eles observam, escutam e sentem-se confortáveis para questionar e tirar dúvidas, o ambiente se torna saudável e acolhedor. É importante que os estudantes se sintam bem-vindos na sala de aula, que o espaço não seja sinônimo de desconforto e monotonicidade, mas sim um espaço de descobertas de conhecimentos que são válidos e importantes. Além de que suas vivências são contribuidoras também para o desenvolvimento da aprendizagem.

Outra importante reflexão é referente ao planejamento. É muito importante que o professor planeje as atividades que serão desenvolvidas, possuir uma linearidade do que será desenvolvido e conhecer o ritmo da turma para que se tenha êxito no processo de ensino aprendizagem. Claro que imprevistos são comuns, mas é importante estar preparado. Saber o que melhor encaixa-se no perfil da turma, quais caminhos serão mais receptivos e melhores desenvolvidos, assim metas e objetivos poderão ser atingidos. Durante o estágio, anotações sobre o que seria feito em aula eram feitas, porém, acredita-se que devido ao ritmo acelerado da universidade, esperou-se o mesmo comportamento dos alunos na educação básica, o que não é verdade e nem benéfico.

Ao fim do estágio, houve a sensação de dever realizado. Foi notório a receptividade da turma e a falta que faria para a maioria das nossas aulas. Pode-se definir este como um lado negativo do estágio, o sentimento de abandono. No momento

em que há uma aproximação maior dos estudantes, há também a finalização em um momento que transmite a sensação de que as atividades estão apenas iniciando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado proporcionou diversas contribuições para o desenvolvimento do “Eu professor”, ideologias e comportamentos em sala. É evidente a importância dessa etapa para formação docente, as possibilidades, desafios e vivências do ambiente escolar, com situações reais de ensino e aprendizagem contribuíram significativamente para a minha formação, desenvolveram habilidades e competências essenciais para o exercício da docência. Demonstrando caminhos a serem seguidos e quais ideologias se encaixam no “eu” docente. Reflexões criativas sobre a prática pedagógica, que incentivam e aperfeiçoam as estratégias de ensino. Dessa forma, foi gratificante e inspirador as experiências vividas durante todo o estágio.

Assim, a partir dessas experiências durante o estágio foi possível observar que se torna um grande desafio para o docente ministrar uma aula de qualidade quando o mesmo não consegue alcançar todos os alunos devido ao grande número de alunos que necessitam de atenção, levando assim o docente a ministrar aula para uma porcentagem da sala. E nessa relação, ainda enquanto professores precisamos nos aproximar dos alunos e conhecê-los pelo nome como uma forma de sentir mais familiarizados demonstrando relações e afetividade com a turma. Mas como fazer com a quantidade de alunos alta na sala de aula? Fica a reflexão.

Além disso, foi notório a observação acerca do uso de atividades diversificadas que são mais atrativas para os alunos, a exposição no quadro, com atividades diretas e fechadas, provocam a sua dispersão da aprendizagem, sendo cansativo e exaustivo. Porém, implementar atividades diversificadas no ensino de matemática é uma tarefa difícil, devido a abstração de alguns conceitos, mas buscou-se, ao máximo possível, fugir do ensino mecanizado. E por fim, é de suma importância que o professor planeje as atividades que serão desenvolvidas, possuir uma linearidade do que será

desenvolvido e conhecer o ritmo da turma para que se tenha êxito no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. **Documento curricular referencial da Bahia para o ensino médio**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.
- BEZERRA, Ana Luíza Nunes; BEZERRA, Sandra Sinara. **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL**. Congresso Nacional de Educação, Macéio, p. 1-10, 2020.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes: A educação inteligente; formando jovens educadores e felizes**. Rio de Janeiro: Editora: Sextante, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 76 p. ISBN 85-219-0243-3.
- SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI Adriana Maria Corder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. Revista Unar, Vol 7, nº 1, 2013.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. 4. ed., rev. e ampl. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. (Coleção magister).
- MILANESI, Irton. **Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 209-227, out./dez. 2012. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 25 maio 2023.
- MONTEIRO, Ana Maria. **A prática de ensino e a produção de saberes na escola**. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2002. p. 129-148.
- NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.
- PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores: Unidade entre Teoria e Prática**. 1995. Tese - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. p. 25.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poiesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2006.
- REIS, Marília Freitas de Campos Tozoni; CAMPOS, Marília Freitas de Campos Tozoni. **Educação ambiental escolar, formação humana e formação de professores: articulações necessárias**. Educar em Revista, Curitiba, ed. 3, p. 145-162, 2014.
- TEIXEIRA, Bruno Rodrigo; de Costa Trindade Cyrino, Márcia Cristina. **Desenvolvimento da Identidade Profissional de Futuros Professores de Matemática no Âmbito da Orientação de Estágio**. Boletim de Educação Matemática, vol. 29, Núm. 52, agosto, 2015, pp. 658-680. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Rio Claro, Brasil.